

É muito tarde, tarde de mais, mas ainda podemos ouvir estes pés negros que chegam da escuridão, tateiam a terra, a medo, esta voz que chama pelo seu deus e tem uma história a contar e um pedido a fazer, ainda vamos a tempo de — pelo menos — contar outra vez a história que nunca foi contada, que foi sempre transformada em marcha militar, datas, mapa, quando muito desculpas tingidas de má-fé, contar, ouvir. Essa voz, ouço-a há muito tempo. Um dia, escrevi o que ela dizia. Por palavras minhas. Era um punhado de terra amarga, que eu devia comer. É tarde, tarde de mais, mas ainda podemos ouvir, ainda é cedo.

Pedro Eiras
13 Setembro 2011

Praticamente todos os factos que descrevo neste monólogo são verídicos; junto-os, mesmo se não aconteceram todos no mesmo século. Encontrei-os em diversos lugares — em Gomes Eanes de Zurara, em Bartolomeu de las Casas, no International Slavery Museum of Liverpool — mas um livro corajoso, organizado por Ana Barradas, serviu-me de fonte principal: *Ministros da Noite* — Livro negro da expansão portuguesa (Antígona, 1992). Um monólogo pede um trabalho de ritmos, tessituras, um fluxo de ideias e imagens. Sem sacrificar essas regras, e sem esquecer a exigência ética que em primeiro lugar me levou a escrever, procurei que este texto fosse o mais possível próximo dos factos registados. Apresentar os ecos que sobreviveram até nós e ser o menos possível — ou mesmo nada — enquanto dramaturgo.

in *Um Punhado de Terra*, Deriva, 2008



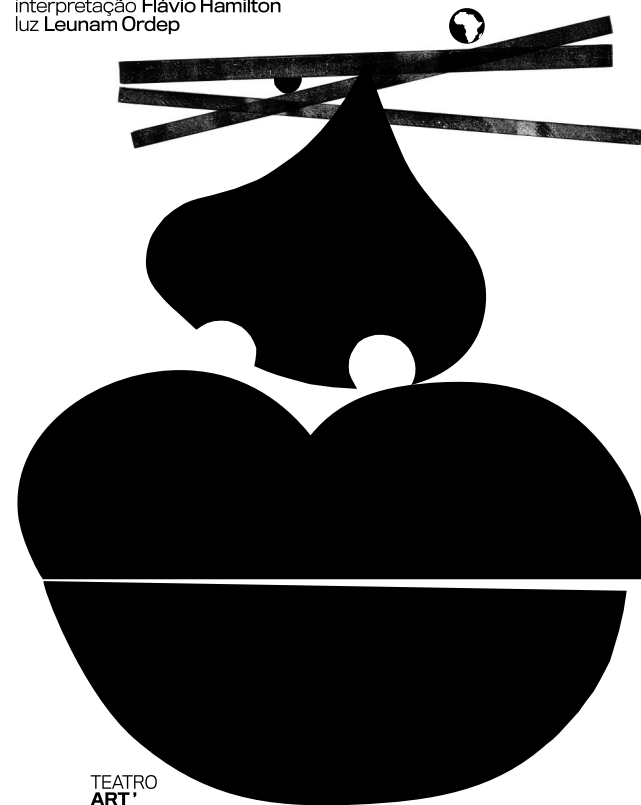
O épico não me interessa. Escrevi um monólogo para recusar determinados heroísmos prontos-a-consumir, míticos. Não quis a narrativa colectiva de um poder legitimador, mas o testemunho individual e silenciado. Que não é épico. Talvez seja trágico, se a palavra não tiver demasiadas ressonâncias gregas para o que quero experimentar aqui. A epopeia exalta, a tragédia interroga; eu quero interrogar, interrogar-me. Escrevi porque compreendo aquela maldição que o homem negro endereça no fim, contra os torturadores e os seus descendentes. Sou amaldiçoado. Ouvi essa maldição. Precisei de a escrever.

entrevista concedida a António Luís Catarino, Abril 2009
in derivadaspalavras.blogspot.com



UM PUNHADO DE TERRA

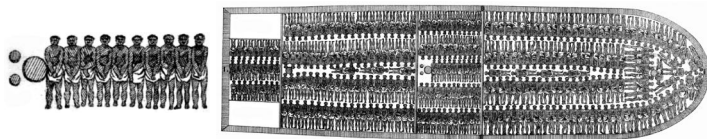
de **Pedro Eiras**
encenação José Leitão
interpretação Flávio Hamilton
luz Leunam Ordep



TEATRO
ART'
IMAGEM

Um homem só em palco, uma personagem — o actor. O teatro em estado puro, seminal. Para ser geral, o Teatro tem de ser essencial. Um corpo em cena, o fogo. Terra, água e um espaço que vem de muito longe do limiar da humanidade, que se vai alargando para tomar a plateia. O público esperando a palavra, a parábola. O actor acende a boca, acende o corpo, acende o público.

A história de um homem, de uma vida, é, afinal, a história do mundo. No Teatro, esta história é uma ficção feita de realidades acontecidas. O actor é o narrador, um contador de histórias, dança, salta, suja-se de terra, lava-se na água, dá-nos a ouvir silêncios, gesticula, ritualiza, emociona-se, serena, interpreta. Dá-nos a história dum escravo, da sua dor, dum tempo seu.



Para o Teatro Art' Imagem, 2011 foi tempo artístico de (re)visitar África, a "nossa" África. Em parceria com o Teatro Municipal da Guarda, apresentamos **A Acácia Vermelha** de Manuel Poppe, encenado por Valdemar Santos, sobre um país do continente nos nossos dias; agora, **Um Punhado de Terra** de Pedro Eiras, a falação de um escravo que conta o seu rapto para o Portugal da nossa expansão. Escravatura e colonialismo, já abordados pela companhia em 1989 no espectáculo **Ministros da Noite** a partir de textos coligidos por Ana Barradas, encenado por Carlos Curto. Cinco séculos passados desde a nossa chegada a África, que marcaram a nossa vida e a nossa história, e ainda hoje nos deslumbramos com os nossos gloriosos descobrimentos, branqueando factos e acontecimentos com a ideia peregrina de que o nosso colonialismo era melhor do que o dos outros. E continuam os mitos e os encobrimentos. Sabendo quem fomos, com virtudes e com defeitos, faremos melhor. Tempo para nos questionarmos, é tempo de teatro. Num tempo em que pensar parece sem sentido. Teatro para o tempo de hoje, teatro de sempre!

José Leitão

TOMA O MEU CORPO SENHOR DO FOGO! VEM E *ESTA* DE TERRA VAS TA -GEIRA!

**UM
PUNHADO
DE TERRA**

**TEATRO
ART'
IMAGEM**

Texto
Pedro Eiras
Encenação
José Leitão

Interpretação
Flávio Hamilton

Desenho de luz
Leunam Orde

Espaço cénico
José Leitão
José Lopes

Produção
Jorge Mendo
Carina Moutinho

Produção executiva
Emanuel Braga
Sofial Leal
Inácio Barroso

Fotografia+Video
Carina Moutinho

Design
Rui Duarte

Estrutura financiada
Secretaria de Estado da Cultura · *de*ARTES
Apoio **(IPJ)**

Direcção Artística
José Leitão
Direcção de Produção
Jorge Mendo

Direcção Técnica
Pedro Carvalho

Auditório da Quinta da Caverneira, Maia
T. 222 084 014 - TM. 960208819
teatroartimagem@hotmail.com
www.teatroartimagem.org

M \ 12 · 55 Min.s
99ª criação · Teatro Art'Imagem
©Setembro 2011

ESTREIA MUNDIAL
15 Setembro 2011 no Mindelo, Cabo Verde
co-produção: Festival Mindelact
ESTREIA NACIONAL E TEMPORADA
22 Setembro a 2 Outubro 2011
na Sala-Estúdio Latino
do Teatro Sá da Bandeira, Porto

